

Resumo: *Cada época tem os seus desafios. O momento atual, definido por alguns não como uma época de mudança, mas como uma mudança de época, também tem os seus. Esses desafios atingem a formação em geral na Igreja, particularmente aquela voltada para a preparação dos que vão assumir a vida consagrada e os ministérios ordenados. O presente artigo apresenta os principais desafios para a formação no momento atual e propõe alguns princípios de ordem pedagógica que podem ajudar a Igreja e os responsáveis pela formação eclesial a encará-los de outra maneira.*

Abstract: *Every age has its challenges. The present moment, defined by some not as an age of change, but as a change of age, also has its own. These challenges affect the general instruction in the Church, particularly that which is devoted to the preparation of those who will assume the consecrated life and the ordained ministries. The present article presents the main challenges to today's instruction and suggests some principles of a pedagogical order that may help the Church and those who are responsible for the ecclesial instruction to view these challenges from a different perspective.*

Desafios atuais para a formação eclesial*

*José Lisboa Moreira de Oliveira***

* Artigo publicado na *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis. v. 71, n. 282. p. 293-308. abr. 2011.

** Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília, graduado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Mestre em Teologia pela Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional (Nápoles – Itália), Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Autor de 13 livros e dezenas de artigos sobre o tema da vocação e da animação vocacional. Foi assessor do Setor Vocações e Ministérios da CNBB (1999-2003) e Presidente do Instituto de Pastoral Vocacional (2002-2006). Foi membro do Conselho Superior da CRB (1995-1997) e da Equipe de Reflexão Teológica da CRB (2003-2006). Atualmente é gestor do Centro de Reflexão sobre Ética e Antropologia da Religião (CREAR) da Universidade Católica de Brasília, onde também é professor de Antropologia da Religião e Ética.



Cada época tem os seus desafios. O momento atual, definido por alguns não como uma época de mudança, mas como uma mudança de época, também tem os seus. Esses desafios atingem a formação em geral na Igreja, particularmente aquela voltada para a preparação dos que vão assumir a vida consagrada e os ministérios ordenados. Tais desafios são ainda maiores, porque as instituições, como a Igreja, passam por uma séria crise e se recusam a reconhecer essa crise. Adotam o método da avestruz, não querendo enfrentar o assunto e aplicando a lei do silêncio. Por isso, concordando com Cozzens, “o nosso primeiro desafio é romper o muro de negação e silêncio que protege a ordem eclesiástica”.¹ Negação essa manifestada inclusive na recusa de algumas instâncias da Igreja Católica em admitir certas situações escandalosas em seu interior.

Infelizmente, como gosta de repetir um bispo amigo meu, “para certas instituições religiosas o cadáver está muito bem, mesmo uma semana depois de morto”. Por essa razão o tempo vai passando, e a crise se alastrando cada vez mais, e as soluções para certas situações ficam cada vez mais difíceis. Isso termina causando ansiedade e medo. E “onde existe ansiedade a imaginação se atrofia, a negação prospera e o controle torna-se obsessivo. A burocracia de uma Igreja ansiosa exhibe precisamente estas características – negação, legalismo, poder controlador, ocultação”.² Não é isso o que vemos atualmente na Igreja Católica Romana?

1 Os desafios

Mas, quais seriam, hoje, os principais desafios para a formação? Certamente são muitos. Eu procuro sintetizá-los em cinco aspectos. Vejamos.

O primeiro é de ordem *cultural*. Estamos na pós-modernidade, ou, como querem alguns, no auge da crise da modernidade. Há, no dizer de Mattéi, uma “barbárie da cultura”, uma vez que as pessoas vivem uma vida medíocre, uma “subjetividade de massa”, que as impede de abrir-se de verdade à realidade.³ Neste contexto cultural o lema é o seguinte:

¹ Donald COZZENS. *Silêncio sagrado. Negação e crise na Igreja*, Loyola, São Paulo 2004, p. 14.

² *Ibidem*.

³ Jean François MATTÉI, *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, Unesp, São Paulo 2001, p. 231-278.



“Nem pensar, nem transformar. Viver o presente na sua cotidianidade banal”.⁴ Assim sendo, fazem parte da ordem do dia o individualismo, o subjetivismo, o relativismo, o imediatismo, o consumismo, a provisoriedade, etc. Protótipo desse modelo cultural é certo jovem religioso que conheço, o qual não esconde para ninguém a sua situação. Sua vida está um caos por diversos problemas. A direção da congregação está apertando-o cada vez mais. Ele se desfoga, indo passear no shopping, comprando o desnecessário e consumindo sem parar. Seu mestrado, sua licenciatura e sua especialização não conseguem lhe dar equilíbrio. Porque sua congregação é rica e ele ocupa um cargo de gestão importante na província, lhe é oferecido um cartão de crédito, com um “limite” relativamente alto, e assim ele pode gastar a vontade. Desfoga a sua frustração na cotidianidade banal, recusando-se a pensar, a enfrentar sua crise e a provocar uma transformação em si mesmo e nos outros.

O segundo desafio é o *antropológico*. O jovem que está chegando às casas religiosas e aos seminários é um ser humano fragilizado, quebrado, arrebatado. É o *homo debilis* do qual fala o filósofo italiano Gianni Vattimo.⁵ Ainda jovem, mas já fraco, cansado, frustrado, desamparado. Incapaz de tomar iniciativa, de lutar, de topar desafios, de assumir a vanguarda de projetos de fronteira e, sobretudo, de amar o próximo.⁶ Muitos jovens hoje são dominados pelo fenômeno da *adulescência*. Fisicamente parecem adultos, mas psicologicamente vivendo uma vida de adolescente. Tal debilidade é agravada pela situação das famílias e pela degradação dos ambientes, particularmente pela violência e pelo clima de insegurança a que as pessoas são submetidas no atual momento. Por isso, os jovens e as jovens trazem consigo uma infinidade de problemas e de dificuldades. Não porque sejam maus, mas porque são filhos da pós-modernidade, “cultura” criada pelo sistema capitalista – agora neoliberal – para mantê-los debaixo de seus pés.

⁴ João Batista LIBANIO, *A vida religiosa na crise da modernidade brasileira*, Loyola, São Paulo 1995, p. 41. Quinze anos depois, essa constatação de Libanio não só continua atual, mas parece muito mais presente na sociedade, particularmente entre os jovens.

⁵ José Lisboa Moreira de OLIVEIRA, *Pastoral Vocacional e cultura urbana*. Desafios e perspectivas, Loyola, São Paulo 2000, p. 33-34.

⁶ A este respeito veja-se Zygmunt BAUMAN, *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*, Zahar, Rio de Janeiro 2004.



O terceiro desafio é de ordem *teológica*.⁷ Mesmo depois de mais de quatro décadas da conclusão do Concílio Vaticano II, a vocação comum à santidade não é ainda reconhecida.⁸ Por outro lado, há uma tremenda indefinição do que seja o *específico* da vocação dos cristãos leigos e das cristãs leigas, da vida consagrada e do ministério ordenado.⁹ De um modo geral, as congregações, mesmo tendo recebido o convite do Vaticano II a voltar às fontes (PC, 2), continuam perdidas, sem clareza quanto a seus carismas congregacionais.¹⁰ Hoje vemos leigos fazendo o que é próprio dos padres e das freiras. Há frades e freiras fazendo o que é dos leigos e dos padres e há padres fazendo o que é específico dos leigos e dos frades e freiras. As congregações religiosas parecem-se mais com agências de serviços gerais, onde é possível encontrar funcionários para todo tipo de trabalho. Além do mais, continua-se com a “sacerdotalização” do ministério ordenado, ou seja, os padres não são presbíteros, mas apenas rezadores de missas.¹¹ Tal “sacerdotalização” tira do Povo de Deus a condição de *sujeito eclesial*. O padre é o único que celebra, que decide, que faz. Os demais são apenas expectadores, meros cumpridores de ordens. Na vida religiosa masculina há a prevalência do ministério ordenado sobre o específico da Vida Consagrada, de modo que não se sabe por que alguém entrou numa congregação religiosa apenas para ser padre.¹²

A meu ver, um quarto desafio se encontra no âmbito da *espiritualidade*. Continuamos confundindo espiritualidade com espiritualismo, particularmente com os espiritualismos de fuga.¹³ Alguém reza um

⁷ Cf. José COMBLIN, *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?*, Paulus, São Paulo 2005.

⁸ Cf. José Lisboa Moreira de OLIVEIRA, *Qual o sentido da vocação e da missão?*, Paulus, São Paulo 2006, p. 25-42.

⁹ Cf. ID., *Nossa resposta ao Amor. Teologia das vocações específicas*, Loyola, São Paulo 2001.

¹⁰ Veja-se o que diz a esse respeito Felicísimo Martínez Díez, *Vida Religiosa: carisma e missão profética*, Paulus, São Paulo 1995.

¹¹ Edward SCHILLEBEECKX, *Por uma Igreja mais humana. Identidade cristã dos ministérios*, Paulus, São Paulo 1989, p. 196-200.

¹² Cf. Francisco TABORDA, O religioso presbítero: uma questão disputada, em: *Convergência* 329 (2000) 42-52; Felicísimo Martínez Díez, *Vida Religiosa: carisma e missão profética*, p. 40-47; José Lisboa Moreira de OLIVEIRA, *Nossa resposta ao Amor*, p. 269-276. Segundo Díez, nota-se nos institutos religiosos clericais uma *esquizofrenia permanente*: “os respectivos carismas inspiram a espiritualidade e a vida interna das comunidades; porém muitas vezes é necessário deixá-los em casa para ajustar-se à engrenagem da pastoral de conjunto diocesana” (p. 297).

¹³ Acerca da espiritualidade e dos problemas a ela relacionados, veja-se, entre outros, Alfonso García RUBIO, *A caminho da maturidade na experiência de Deus*, Paulinas,



terço, e já achamos que a pessoa é muito espiritual. Os espiritualismos aumentaram nesses últimos anos, e praticamente todos estão revestidos de maniqueísmo, com claro desprezo pelo que é “carnal”, humano, por aquilo que é de “carne e osso”. Chega-se ao absurdo de se ter uma religião sem o humano e, de consequência, uma vida humana sem religião. Crescem o fanatismo, o fundamentalismo, a discriminação religiosa e a violência em nome de Deus.¹⁴ Chama-se de espiritualidade o que é apenas religião de consolação, teologia da prosperidade. As religiões e as igrejas abdicam de sua função social, “dando as costas para o humano”.¹⁵ As igrejas foram transformadas em “supermercados da fé” onde se vendem e onde se compram “kits de salvação”. Disso resulta o trânsito religioso, pois, quando surge um novo “supermercado da fé”, todos correm para lá, em busca de um novo produto religioso, oferecido por algum “curandeiro” que, muitas vezes, traja vestes eclesiásticas. Tais produtos usam “embrulhos” sofisticados, com nomes bem atrativos, como, por exemplo, “missa de cura”. No fundo, porém, tudo isso não passa de bricolagem religiosa e de privatização da experiência de fé.

Por fim um último desafio é o *eclesiológico*. Os cenários de Igreja, já mencionados em 1999 por Libanio, não são os mais animadores.¹⁶ Há o cenário institucional, no qual o Direito Canônico está acima da Bíblia. No cenário carismático, a emoção, a histeria, o exótico e o brilhantismo das vestes eclesiásticas prevalecem sobre tudo. No cenário midiático estão os padres pop star, disputando para ver quem aparece mais e quem é o campeão de besterol, de bobagens e de idiotices ditas para aquelas poucas pessoas que ainda aguentam tanta mediocridade. A Igreja da libertação está em extinção. Recentemente assisti perplexo um arcebispo afirmando em público que as Comunidades Eclesiais de Base não têm mais espaço em sua arquidiocese. Os modelos e paradigmas apresentados, infelizmente, são os da “cultura clerical”, de pessoas amantes do carreirismo eclesiástico.¹⁷ A quase totalidade das Igrejas locais perdeu sua identidade e transformaram-se em “igrejas genéricas”, fotocópias do

São Paulo 2008; João Batista LIBANIO, *Caminhos de existência*, Paulus, São Paulo 2009; José Lisboa Moreira de OLIVEIRA, *Na órbita de Deus. Espiritualidade do animador e da animadora vocacional*, Loyola, São Paulo 2004.

¹⁴ Cf. Elias WOLFF, Humanismo e religião, em: Fábio Régio BENTO (org.), *Cristianismo, humanismo e democracia*, Paulus, São Paulo 2005, p. 213-248.

¹⁵ *Ibid.*, p. 224.

¹⁶ Cf. João Batista LIBANIO, *Cenários da Igreja*, Loyola, São Paulo 1999.

¹⁷ Cf. Donald COZZENS, *Silêncio sagrado*, p. 135-147.



Vaticano, onde as lideranças eclesiásticas são apenas “vacas de presépio”, que, sacudindo a cabeça, dizem, sem nenhum discernimento, “amém” a tudo que “vem do alto”.

A maioria dos bispos não tem mais consciência da própria responsabilidade, ou melhor, da solicitude por todas as Igrejas (LG 23). Por isso, eles se recusam a falar com o Vaticano na sua condição de bispos. Não são como Paulo, que não teve medo de se opor abertamente a Pedro quando percebeu que esse agia erradamente (Gl 2, 11-21). Preferem o silêncio e a subserviência. E, numa Igreja feita de subservientes, onde falta o princípio da subsidiariedade, falta a cidadania cristã e a corresponsabilidade.¹⁸ Não há mais uma Igreja de “concidadãos dos santos” (Ef 2, 19), de gente em “estado de adultos” (Ef 4, 13), mas apenas um agrupamento de “crianças” que vivem à deriva (Ef 4, 14), arrastadas e ludibriadas pela esperteza dos marqueteiros religiosos, inclusive aqueles católicos.

2 É possível superar tais desafios?

É possível superar tais desafios? Eu acredito que sim e até proponho mais adiante alguns princípios de ordem pedagógica. Mas, antes disso, entendo apresentar algumas indicações que podem ajudar a encarar os desafios de outra maneira. De fato, lembra-nos muito bem Demo, a “educação não deve perder tempo em temer a modernidade. Deve procurar conduzi-la e ser-lhe o sujeito histórico”.¹⁹ Portanto, não se trata de ficar com medo dos tempos modernos, ou melhor, da época pós-moderna, mas “de dialogar com a realidade, inserindo-se nela como sujeito criativo”.²⁰ Coisa que, infelizmente, determinados setores da Igreja Católica não fazem, uma vez que o estilo *irreal* de vida, por eles cultivado, não lhes permite alcançar a humanidade no seu estágio atual. Por isso, essa parcela da Igreja se encontra num “exílio virtual”,

¹⁸ Cf. Otto KARRER, *O princípio de subsidiariedade na Igreja*, em: Guilherme BARAÚNA (org.), *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, Petrópolis 1965, p. 623-649. Aliás, toda vez que uma Igreja local deixa de ter uma identidade específica deixa de ser a manifestação da Igreja Universal, uma vez que é a partir dessa sua identidade específica que se realiza naquele lugar a Igreja de Cristo espalhada por toda a Terra (Cf. Burkhard NEUNHEUSER, *Igreja Universal e Igreja Local*, em: *Ibid.*, p. 650-674). O papa São Gregório Magno já dizia a seu tempo que “se não for respeitada a jurisdição de cada bispo, nós mesmos criamos confusão, quando na verdade deveríamos zelar pela ordem na Igreja” (*Registrum Epistolarum*, II, 285).

¹⁹ Pedro DEMO, *Desafios modernos da educação*, Vozes, Petrópolis 1993, p. 21.

²⁰ *Ibidem*.



totalmente deslocada, deixando as pessoas hesitantes, desorientadas e desestimuladas.²¹

a) Formação realista e com “cheiro” humano

Começo dizendo que para enfrentar o desafio cultural é necessária uma *formação inculturada*, que pense no vocacionado real. Nesse processo de formação inculturada não se pode, como disse antes, rejeitar o que é pós-moderno, mas assumir alguns valores que a pós-modernidade nos trouxe.²² Um desses valores é o da provisoriedade, do relativismo, no qual, diferente do que pensam muitos, há algo profundamente cristão. De fato, já nos lembrava Paulo, “o tempo se abreviou” e “a figura desse mundo passa” (1Cor 7,29-31). Outro exemplo de valor presente na pós-modernidade é o da redescoberta da corporalidade, mesmo com o risco de possíveis desvios. Penso que a pós-modernidade, ao radicalizar o “culto ao corpo”, nos ajuda a pensar no resgate da dimensão corporal como aspecto fundamental da teologia da criação.²³ De fato, o Criador nos fez sua imagem e semelhança não na abstração espiritual, mas na corporalidade, no ser “macho e fêmea” (Gn 1,27) e na busca por uma companheira ou companheiro (Gn 2,18-24). Portanto, as provocações da pós-modernidade podem ajudar a Igreja a deixar de construir catedrais e passar a viver nas tendas improvisadas de quem é apenas peregrino e viandante (Hb 13,14).

No tocante ao desafio antropológico, é necessário que na formação se leve mais a sério a dimensão humana. Estamos repetindo isso desde o Vaticano II, mas infelizmente o que se nota é um total descuido com essa dimensão. Chega-se até a fazer cursos para os formadores e formadoras sobre o assunto, mas, quando se vai para a prática, a teoria é outra. Tal descompasso entre teoria e prática é expressão de uma verdadeira *patologia* do comportamento humano.²⁴ O que se vê por aí é

²¹ Cf. Donald COZZENS, *Silêncio sagrado*, p. 13-17.

²² Cf. José TRASFERETTI/Paulo Sérgio Lopes GONÇALVES (orgs.), *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, Paulinas, São Paulo 2003.

²³ Cf. Ana ROY, *Tu me deste um corpo...*, Paulinas, São Paulo 2000; Sandro SPINSANTI, *Il corpo nella cultura contemporanea*, 2ª ed., Queriniana, Brescia 1985; Carlo ROCCHETTA, *Per una teologia della corporeità*, Camilliane, Turim 1990.

²⁴ Sobre esta questão do descompasso entre teoria e prática dentro da Igreja veja-se Hubert LEPARGNEUR, *O descompasso da teoria com a prática: uma indagação nas raízes da moral*, Vozes, Petrópolis 1979.



um punhado de “vivaldinos”, ou seja, de pessoas que vivem pregando a coerência quando, na verdade, possuem uma prática incoerente. O sujeito vivaldino engana a comunidade, deturpa a realidade, sendo, pois, um farsante.²⁵ Os recentes casos de padres pedófilos são exemplos daquilo que estamos dizendo.²⁶

É fundamental ter sempre presente que os cuidados com a vocação específica “nunca poderão esquecer ou negar as exigências da natureza humana, enquanto elas têm origem e fundamento no próprio plano de Deus Criador”.²⁷ Rezar não basta, não é suficiente e não resolve certos problemas. É necessário mais cuidado antropológico, e mais humildade para aceitar a ajuda das ciências humanas.

No que diz respeito ao desafio teológico, é indispensável usar de mais *clareza* na formação acerca do específico de cada vocação e uma reviravolta nos processos pedagógicos, que, na maioria das vezes, escondem a verdade e não revelam o óbvio. Que, por exemplo, não se tenha medo de dizer que para seguir Jesus Cristo e servir ao Reino não é necessário ser padre, frade ou freira. Além do mais, é necessário rever paradigmas e modelos existentes, que são de épocas passadas e não atendem mais aos tempos atuais.

Na cultura midiática atual, o exótico e o medíocre ganham força e destaque. Veja-se o caso de alguns programas televisivos, inclusive da mídia católica. A burrice, a leviandade, a falta de compromisso, são exaltadas por grupos de fugitivos da realidade. E para tanto existem regras bem precisas de uma “uniformidade mundial”.²⁸ A Igreja não pode continuar apontando como modelo aquilo que é arcaico e defasado, embora isso hoje esteja na moda. A comunidade cristã não é chamada a seguir a moda, mas a fazer discernimento e a ficar com o que é em conformidade ao Evangelho (Rm 12,2). E o que é conforme ao Evangelho é o que não aparece, o que é normal, despojado de todo exibicionismo (Fl 2,7).

Diante do desafio da espiritualidade, é urgente recuperar a verdadeira espiritualidade cristã encarnada, com sua mística e com sua ascese. Praticar uma espiritualidade que seja, de fato, vida conduzida

²⁵ Pedro DEMO, *Intelectuais e vivaldinos. Da crítica acrítica*, Almed, São Paulo 1982, p. 89-93.

²⁶ Cf. Donald COZZENS, *Silêncio sagrado*, p. 109-134.

²⁷ CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, Paulus, São Paulo 1983, p. 28.

²⁸ Cf. Zygmunt BAUMAN, *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*, Zahar, Rio de Janeiro 2003, p. 49-55.



pelo Espírito e que nos leve a seguir Jesus na história concreta, no dia-a-dia. Uma espiritualidade que não nos tire do mundo, mas que nos faça fermento e sal, pessoas comprometidas com a construção da justiça e da paz. É preciso, como diz Rubio, caminhar através de uma experiência adulta de Deus que supere o infantilismo religioso.²⁹

Por fim, diante do desafio eclesiológico, é preciso que se retome a eclesiologia do Concílio Vaticano II, a qual nos indicou uma Igreja Povo de Deus, peregrina no mundo, assumindo para si tanto as alegrias como as tristezas da humanidade. É preciso retornar a Medellín, a uma Igreja pobre que ama os pobres, a uma Igreja de Comunhão e de Participação, como queria Puebla, a uma Igreja discípula e missionária, como indicou mais recentemente a conferência de Aparecida. Não há como superar esse desafio, se continuarmos reféns da burocracia eclesiástica que insiste em manter estruturas obsoletas e normas voltadas exclusivamente para a perpetuação e crescimento do poder centralizador da hierarquia.³⁰

b) Princípios pedagógicos

As considerações que acabamos de fazer apontam para a necessidade de princípios pedagógicos que norteiem a formação na Igreja. Já faz algum tempo, Brighenti nos dizia que em tempos nos quais “não há vento favorável”, é indispensável “eleger um rumo” que nos leve onde queremos chegar. Do contrário, seremos sempre surpreendidos por vendavais e temporais que terminarão por nos levar exatamente lá onde nunca gostaríamos de aportar.³¹

Nesse caso, os princípios pedagógicos seriam o conjunto de esforços para conjugar de modo objetivo e claro a formação com a realidade, com a prática, e com a meta que se pretende atingir. Seria o esforço para vencer formas deformantes de esquizofrenia eclesiástica. De fato, lembra Brighenti, torna-se inoperante e contraditório “a simples aplicação de umas técnicas ou regras preestabelecidas para todos os contextos e

²⁹ Cf. Alfonso García RUBIO, *A caminho da maturidade na experiência de Deus*, p. 61-101.

³⁰ Cf. José COMBLIN, *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?*, p. 57-66.

³¹ Agenor BRIGHENTI, *Reconstruindo a esperança. Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*, Paulus, São Paulo 2000, p. 9-31.



épocas, desvinculadas de princípios que as contextualizem e as tornem instrumentos eficazes para a ação evangelizadora”.³²

Tendo presente o que acabou de ser dito, podemos afirmar que o *primeiro princípio* pedagógico é aquele de uma *nova aprendizagem*. Trata-se de sermos capazes de fazer um confronto entre os paradigmas até agora utilizados e os novos paradigmas que a pós-modernidade está propondo. Precisamos com toda honestidade reconhecer que os atuais paradigmas formativos, fincados na tradição europeia medieval, não funcionam mais. Estão superados e em franca agonia. Com eles agoniza também o paradigma do formador, tido até então como o sujeito onipotente que tem as chaves para desvendar todos os segredos e mistérios. Nesse sentido, nos lembra Demo, somos convocados a urgentemente abandonar a *obsolescência* da educação, a qual consiste em oferecer cursos e conteúdos sem nenhuma preocupação com a realidade e com o futuro.³³ Infelizmente, o que estamos chamando de “moderno” no atual processo formativo é algo equivocado e atrasado. Precisamos, pois, desconstruir tudo e começar do zero. Tentar remendar as coisas só aumenta ainda mais o rasgão, como disse muito bem o Senhor Jesus (cf. Mc 2,21).

A partir disso, pode-se dizer que o *segundo princípio* é a superação do conceito de aprendizagem. Infelizmente, na prática concreta da formação eclesial, insiste-se ainda em confundir aprendizagem com instrucionismo. Queremos a todo custo que os formandos aprendam e gravem algumas regras, normas e doutrinas que serão completamente deletadas assim que eles chegarem ao objetivo ao qual almejam. Nesse sentido, é indispensável que a formação inicial e permanente seja reconstrutiva, isto é, leve os formandos a aprender a desaprender.

Trata-se, pois, de cuidar para que a formação seja autopoietica, de dentro para fora e não o contrário. Que seja uma aprendizagem interpretativa que não tenha como referenciais regras externas, mas a própria vontade do sujeito de se autodefinir na própria caminhada. Nesse sentido, a aprendizagem, no processo formativo, terá que ser construtiva e interativa, ressignificativa e envolvente. Temos que voltar à maiêutica de Sócrates, lembrando que só permanece durante o processo formativo aquilo que o formando ou formanda reconfigurou na sua mente e na sua vida. É pura ilusão pensar que o formando vai acolher o argumento da

³² ID., *Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e passos metodológicos*, Paulinas, São Paulo 1998, p. 42.

³³ Cf. Pedro DEMO, *Desafios modernos da educação*, p. 56-78.



autoridade. O que fica é a autoridade do argumento, ou seja, aquilo que o sujeito percebe como sendo também sua construção. É preciso qualificar o processo formativo, passando do puro ensinar regras e normas para o ato de educar. Nesse sentido, formadores e formandos precisam “aprender a aprender”.³⁴ Qualificar a formação significa abandonar a pretensão de “fazer a cabeça”, para proporcionar condições à pessoa de pensar com a própria cabeça. “Educação que vira pregação faz discípulos, fiéis seguidores, não gente competente”.³⁵

Disso decorre um *terceiro princípio* que se refere ao tipo de conhecimento que estamos proporcionando durante o processo formativo.³⁶ Infelizmente, o tipo de conhecimento que estamos proporcionando aos jovens formandos é aquele do pecado original. Queremos torná-los como os deuses, pessoas onipotentes e prepotentes que se colocam acima de tudo e de todos. Precisamos inverter essa lógica perversa e ajudá-los a serem “normais” e a permanecerem “normais”. E para ser normal é indispensável saber pensar, buscar novos horizontes, aceitar questionamentos, querer mudar. Se isso não está presente na formação, teremos no futuro uma comunidade de escravos arrogantes e não de homens e mulheres livres.

Portanto, um conhecimento que permanece aberto para a escuta e para outros conhecimentos, sem nenhum resquício de fundamentalismos e de rigorismos. Um conhecimento tão bem fundamentado que jamais se sente completo. Por essa razão, está aberto à crítica e à autocrítica, dispondo-se à desconstrução, ou seja, à capacidade de reconhecer sua validade relativa diante de argumentos mais decisivos e precisos.³⁷

A questão do conhecimento aponta para um *quarto princípio*: o da qualidade formal do conhecimento e da formação. Infelizmente, de um modo geral, a formação eclesial sofre com a falta de uma metodologia científica precisa. Tudo costuma ser improvisado, genérico e unilateral. Faltam pessoas seriamente preparadas. Geralmente, os formadores são improvisados. É notória a ausência de uma equipe de formação, ficando a responsabilidade sobre as costas de uma única pessoa, que, quase sempre, está sobrecarregada com tantas outras tarefas. Chega-se até a dizer

³⁴ ID., *Educação de qualidade*, 4ª ed., Papirus, São Paulo 1998, p. 81-100.

³⁵ *Ibid.*, p. 99.

³⁶ ID., *Conhecer & aprender. Sabedoria dos limites e desafios*, Artmed, Porto Alegre 2000, p. 58-71.

³⁷ *Ibid.*, p. 101-117.



que os formadores e formadoras fazem várias coisas, inclusive trabalhar na formação. Dificilmente há dedicação exclusiva. Em função disso, o processo formativo torna-se carente de coerência, de consistência, de sistematização, de originalidade e de objetividade.

Ora, isso é um verdadeiro desastre, pois é indispensável que haja uma formação básica que não se contente apenas em oferecer conhecimentos gerais, no “saber de tudo pelo menos um pouco, mas no saber aquilo que é tido como coluna mestra dos desafios modernos, ou seja, *saber estratégico*, de teor interdisciplinar e aprofundado”.³⁸ Qualquer um de nós sabe por experiência que, de um modo geral, os formandos e formandas terminam o período de formação inicial sem o saber estratégico, sem preparação suficiente para enfrentar os desafios do mundo atual. À formação genérica se junta quase sempre a pressa e o desespero, pois as dioceses e os institutos de vida consagrada estão sempre às voltas com o problema da escassez de vocações.

Disso então surge um *último princípio* que pode ser chamado de *qualidade política* da formação. Trata-se, segundo Demo, do cuidado que se deveria ter com a relevância social do conhecimento.³⁹ Os responsáveis pela formação, especialmente aqueles e aquelas que tomam as decisões finais, deveriam constantemente se perguntar sobre a “condensação simbólica” do processo formativo. Dito de outra forma: até que ponto a formação está preparando as pessoas para assumirem seus lugares na Igreja e na sociedade? Muitas vezes, por ser ainda tremendamente arcaica e ultrapassada, a formação apenas ensina a “ler e escrever”, mas não forma seres pensantes, autônomos, criativos e responsáveis. Os formandos e formandas aprendem, quase que mecanicamente, alguns conceitos e normas, mas não aprendem a reconstruir a vida e os ambientes. Tornam-se alienados, verdadeiros “analfabetos funcionais”, visto que serão incapazes de interpretar e de transformar a realidade.⁴⁰

³⁸ ID., *Desafios modernos da educação*, p. 29-30.

³⁹ *Ibid.*, p. 28-36.

⁴⁰ Segundo pesquisas do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), realizadas no final de 2009, existem no Brasil pelo menos 28% de analfabetos funcionais: pessoas que sabem ler e escrever, mas são incapazes de entender e de interpretar o que leem e escrevem. Cf. www.oglobo.globo.com, acessado em 03/05/2010.



Não há conclusões, mas perguntas que pairam no ar

Tudo o que foi dito até agora revela que neste campo não existem conclusões, mas perguntas que permanecem. Uma delas é a seguinte: estará a Igreja, estarão os seminários, estará a Vida Consagrada com disposição para fazer certas mudanças? Eu, particularmente, estou convencido de que não é possível superar os desafios mencionados sem certo grau de ousadia. Dom Helder há muitos anos já nos dizia: “Há audácias sobre as quais não se pode meditar muito... Pouco importam, então, as consequências”.⁴¹ Terá a Igreja a coragem de ousar? Ou continuará a passos de tartaruga, procurando um “bode expiatório” sobre o qual descarregar todas as culpas?

A situação complica-se ainda mais, porque, como dito no início, impera atualmente na Igreja “o silêncio sagrado”.⁴² A hierarquia da Igreja Católica Romana não só se recusa a falar de determinados temas, mas proíbe que eles sejam mencionados e discutidos. “Como uma Igreja que é portadora da Palavra e a defensora dos oprimidos pode manter silêncios perversos, negando até mesmo a existência de problemas, de fato crises, pastorais e eclesiais evidentes?”⁴³

Certamente não podemos duvidar da potência do Espírito que sempre age como e “onde quer” (Jo 3,8) e em quem quer (1Cor 12,11). Porém, não devemos ser tão ingênuos a ponto de pensar que tudo é muito fácil. Existem atualmente forças na Igreja que impedem seriamente qualquer mudança. É urgente o retorno dos profetas e das profetisas, capazes de sacudir as bases de um sistema eclesial mofado, arcaico, ultrapassado, que colocou a instituição no lugar do Evangelho.⁴⁴

Profetas como Dom Helder Câmara, que em pleno Concílio Vaticano II ousava afirmar: “Há momentos em que não temos o direito de calar, quaisquer que sejam as consequências”.⁴⁵ Profetas como Dom Oscar Romero, que, no dia 16 de abril de 1978, lançava este desafio: “Uma Igreja que não provoca crise, um Evangelho que não inquieta, uma Palavra de Deus que não faz doer na pele – como se diz vulgarmente –,

⁴¹ Citado em DE BROUCKER, *As noites de um profeta. Dom Helder Câmara no Vaticano II*, Paulus, São Paulo 2008, p. 97.

⁴² Cf. Donald COZZENS, *Silêncio sagrado*, p. 21-36.

⁴³ *Ibid.*, p. 13.

⁴⁴ Cf. *ibid.*, p. 199-200.

⁴⁵ Citado em DE BROUCKER, *As noites de um profeta*, p. 104.



uma Palavra de Deus que não mexe no pecado concreto da sociedade em que está anunciando, que Evangelho é esse?”⁴⁶ Profetas como o italiano Arturo Paoli, místico e peregrino, que viveu o mistério da encarnação perambulando pela América Latina, acompanhando os sem-terra e os sem-teto. Há alguns anos atrás, olhando para a formação eclesial, ele dizia que tinha a impressão de que se tratava de “uma festa organizada no salão de um palácio destruído por um terremoto”.⁴⁷

Segundo Paoli, “Cristo está preso numa fortaleza construída por uma teologia atenta mais em conhecer a sua essência do que o seu projeto”.⁴⁸ Por esse motivo, a alternativa que é oferecida à juventude “não entusiasma, porque não é libertadora: a proposta de proximidade apresentada aos jovens é uma proposta de nível epidérmico, que não resolve o conflito nem supera o medo de percorrer o itinerário da relação”.⁴⁹

Não há como pensar em futuro para a formação eclesial sem encarar esses desafios e sem dialogar sobre eles em profundidade. Se continuarmos a ter a atitude da avestruz, seremos literalmente engolidos pela realidade que aí está. Não há como escapar do enfrentamento. “É hora de um silêncio sagrado e de uma escuta sagrada. Acima de tudo, é hora de uma fala honesta e corajosa – hora de falar a verdade em amor”.⁵⁰ O medo de falar sobre essas realidades só irá contribuir para o agravamento da crise e para a perda total de controle sobre a situação. Com a palavra, então, os formadores e as formadoras conscientes de seu carisma profético e de sua missão na Igreja de hoje!

Endereço do Autor:

Residencial Via Araguaia – Bloco B – Aptº 223

AC 02 – Lotes 01/02/12 – Riacho Fundo I

71810-200 Brasília – DF/BRASIL

E-mail: jlisboa56@gmail.com

⁴⁶ Citado em Pablo RICHARD, *A força espiritual da palavra de Dom Romero*, Paulinas, São Paulo 2005, p. 18.

⁴⁷ Arturo PAOLI, *Testemunhas da esperança*, Paulus, São Paulo 1992, p. 17.

⁴⁸ *Ibidem*.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 14.

⁵⁰ Donald COZZENS, *Silêncio sagrado*, p. 200.



Bibliografia consultada

BARAÚNA, Guilherme (org.), *A Igreja do Vaticano II*, Vozes, Petrópolis 1965.

BAUMAN, Zygmunt, *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*, Zahar, Rio de Janeiro 2004.

_____. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*, Zahar, Rio de Janeiro 2003.

BENTO, Fábio Régio (org.), *Cristianismo, humanismo e democracia*, Paulus, São Paulo 2005.

BRIGHENTI, Agenor, *Por uma evangelização inculturada. Princípios pedagógicos e passos metodológicos*, Paulinas, São Paulo 1998.

_____. *Reconstruindo a esperança. Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*, Paulus, São Paulo 2000.

CNBB, *Guia pedagógico de pastoral vocacional*, Paulus, São Paulo 1983.

COMBLIN, José, *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* Paulus, São Paulo 2005.

DE BROUCKER, *As noites de um profeta. Dom Helder Câmara no Vaticano II*, Paulus, São Paulo 2008.

DEMO, Pedro, *Conhecer & aprender. Sabedoria dos limites e desafios*, Artmed, Porto Alegre 2000.

_____. *Desafios modernos da educação*, Vozes, Petrópolis 1993.

_____. *Educação de qualidade*, 4ª ed., Papirus, São Paulo 1998.

_____. *Intelectuais e vivaldinos. Da crítica acrítica*, Almed, São Paulo 1982.

DÍEZ, Felicísimo Martinez, *Vida Religiosa: carisma e missão profética*, Paulus, São Paulo 1995.

LEPARGNEUR, Hubert, *O descompasso da teoria com a prática: uma indagação nas raízes da moral*, Vozes, Petrópolis 1979.

LIBANIO, João Batista, *A vida religiosa na crise da modernidade brasileira*, Loyola, São Paulo 1995.

_____. *Caminhos de existência*, Paulus, São Paulo 2009.



_____. *Cenários da Igreja*, Loyola, São Paulo 1999.

MATTÉI, Jean François, *A barbárie interior. Ensaio sobre o i-mundo moderno*, Unesp, São Paulo 2001.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de, *Na órbita de Deus. Espiritualidade do animador e da animadora vocacional*, Loyola, São Paulo 2004.

_____. *Nossa resposta ao Amor. Teologia das vocações específicas*, Loyola, São Paulo 2001.

_____. *Pastoral Vocacional e cultura urbana. Desafios e perspectivas*, Loyola, São Paulo 2 São Paulo 000.

_____. *Qual o sentido da vocação e da missão?*, Paulus, São Paulo 2006.

PAOLI, Arturo, *Testemunhas da esperança*, Paulus, São Paulo 1992.

RICHARD, Pablo, *A força espiritual da palavra de Dom Romero*, Paulinas, São Paulo 2005.

ROCCHETTA, Carlo, *Per una teologia della corporeità*, Camilliane, Turim 1990.

ROY, Ana, *Tu me deste um corpo...*, Paulinas, São Paulo 2000.

RUBIO, Alfonso García, *A caminho da maturidade na experiência de Deus*, Paulinas, São Paulo 2008.

TABORDA, Francisco, O religioso presbítero: uma questão disputada, em: *Convergência* 329 (2000) 42-52.

TRASFERETTI, José/GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (orgs.), *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, Paulinas, São Paulo 2003.

SCHILLEBEECKX, Edward, *Por uma Igreja mais humana. Identidade cristã dos ministérios*, Paulus, São Paulo 1989.

SPINSANTI, Sandro, *Il corpo nella cultura contemporanea*, 2ª ed., Queriniana, Brescia 1985.